

## REPRESENTAÇÃO CULTURAL E RECONHECIMENTO DA BISSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DO FILME MINHA MÃE É UMA PEÇA 2

**Fernanda Santos Rossi**

*Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, oinandarossi@gmail.com; Bolsista Capes.  
Orientador: Prof. Dr. Ercio Sena.*

### Resumo

Este trabalho analisa significados culturais da bissexualidade na representação do filme *Minha Mãe É Uma Peça 2* e constrói relações críticas com a luta por reconhecimento deste grupo. Destacamos a autora Shiri Eisner (2013) com seus conceitos ao redor do tema da bissexualidade e os autores Stuart Hall (2016) e Axel Honneth (2009) para compreender os conceitos de representação e reconhecimento, respectivamente. Abordamos a representação como propositiva e circuladora de significados que auxiliam na formação dos conceitos acerca da bissexualidade e, por consequência, no tratamento que recebe no cotidiano. Estes significados culturais da bissexualidade – muitas vezes moldados pelos estereótipos – podem contribuir para a marginalização e o apagamento deste grupo. Analisamos o filme *Minha Mãe É Uma Peça 2* (2016) através das cenas que mencionam a bissexualidade da personagem Juliano (Rodrigo Pandolfo) e da fortuna crítica do produto audiovisual. Observamos em *Minha Mãe É Uma Peça 2* a ausência de relações com a luta por reconhecimento da bissexualidade e o uso de estereótipos e tentativas de apagamento bissexual como um dos principais artifícios cômicos do filme. Consideramos a presença destacada de exigências por representações midiáticas na luta por reconhecimento da bissexualidade, mas também

trazemos as críticas que apontam os limites da luta por reconhecimento como um todo, propondo um horizonte radical em suas políticas.

**Palavras-chave:** Representação, Estereótipo, Bissexualidade, Luta por reconhecimento, Minha Mãe É Uma Peça 2.

## Introdução

**E**ste trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado, que teve como resultado uma dissertação defendida em 2020. Parte da pesquisa foi uma análise dos significados culturais da bissexualidade na representação do filme *Minha Mãe É Uma Peça 2* e em sua fortuna crítica, articulando-a criticamente ao debate com a luta por reconhecimento da bissexualidade. Interpretamos que *Minha Mãe É Uma Peça 2* não se articula à luta por reconhecimento da bissexualidade e oferece o uso de estereótipos e tentativas de apagamento bissexual como um dos principais artifícios cômicos do filme.

*Minha Mãe É Uma Peça 2* é uma comédia brasileira de 2016, uma autoria de Paulo Gustavo e dirigido por César Rodrigues. É o segundo filme de uma trilogia e a segunda maior arrecadação de bilheteria do cinema brasileiro, perdendo somente para *Minha Mãe É Uma Peça 3*, lançado em 2019. O filme é a continuação da história de Dona Hermínia e sua família, cuja história do primeiro filme é resultado de uma peça de teatro inspirada na mãe do autor e ator principal, Paulo Gustavo. No segundo filme, o enredo principal nos apresenta essa mãe preocupada com o momento da saída dos filhos de casa. Parte relevante da história é, também, a sexualidade de Juliano (Rodrigo Pandolfo).

No início do filme, Juliano está à mesa com sua mãe e sua irmã. A irmã expõe a sexualidade do irmão na conversa e ele se declara bissexual. No primeiro filme, a homossexualidade era a declaração de Juliano. Agora, Dona Hermínia se surpreende com a fala de seu filho e o responde com deboche e repressão. É uma cena de humor, inaugurando uma série de cenas cômicas, como esquetes, que representam as mudanças na sexualidade de Juliano e o conseqüente desespero de Hermínia. No terceiro filme, Juliano declara que irá se casar com o seu namorado do primeiro filme e não há menções à bissexualidade ou à forma que Juliano foi tratado no longa anterior, sendo representado como homossexual assim como no primeiro filme.

Há oito cenas com o tema da sexualidade de Juliano no filme, que tem uma hora de vinte e oito minutos de duração. Em sete delas, Dona Hermínia demonstra revolta ou tentativa de eliminação da bissexualidade do filho. Shiri Eisner (2013) explica que a bissexualidade é a atração afetiva-sexual para além de um gênero, e, juntamente a Kenji

Yoshino (2000), compreendemos que pessoas bissexuais compõem um grupo subalternizado que escapa de uma lógica heteronormativa e binária e que, dentre outras opressões, sofre dinâmicas específicas de apagamento e estereotipagem.

Portanto, ao ser representada midiaticamente, a bissexualidade também pode ser caracterizada de formas mais ou menos abrangentes e mais ou menos próximas às visões discriminatórias e hegemônicas socialmente. Trabalhamos a comunicação por um estudo de teorias da representação, compreendendo as construções de significados culturais e midiáticos e sua função nas relações sociais com o diferente. Tratamos das representações da diferença, com foco no debate dos estereótipos através de Stuart Hall (2013) e Richard Dyer (1999), principalmente.

Estudamos a teoria da luta por reconhecimento (Axel Honneth, 2003) como o processo pelo qual os sujeitos, articulados com os movimentos sociais, tentam recuperar seus reconhecimentos subjetivos negados. Debates os limites da luta por reconhecimento através de autores como Vladimir Safatle (2015) e Nancy Fraser (2006), críticos da luta por reconhecimento em sua vulnerabilidade à apropriação e neutralização pelas políticas neoliberais, tornando o reconhecimento como luta de caráter individual e afirmativo, distante de objetivos coletivos e transformativos, característicos de uma luta por redistribuição.

## Metodologia

Escolhemos a análise de conteúdo dos campos midiáticos propositivos e debatedores da representação como metodologia, justificando tal escolha na possibilidade de sua aplicação em objetos de naturezas distintas, como é aqui o caso. Dentro da análise de conteúdo, selecionamos a técnica da análise categorial feita a partir de uma seleção temática, como sugerido por Laurence Bardin (2016). Construímos uma análise qualitativa, relacionando as representações aos significados da bissexualidade como uma primeira categoria e à luta por reconhecimento como segunda, com apoio nas fortunas críticas do objeto audiovisual. Recolhemos e analisamos todas as cenas que mencionavam a palavra bissexualidade ou suas variações. Recolhemos e analisamos toda a fortuna crítica em torno do filme, selecionando também aquelas que mencionavam a palavra

bissexualidade ou suas variações. Como foi apontado, fizemos uma articulação entre texto audiovisual, textos críticos e nosso referencial teórico, analisando esse conjunto em relação à representação em si, mas também em suas relações com suas dimensões sociais. Assim, podemos responder à nossa pergunta: como esses campos midiáticos recorrem aos significados da bissexualidade em suas narrativas, propondo formas de representação deste grupo e se relacionando com questões contemporâneas de reconhecimento?

## Resultados e discussão

Em *Minha Mãe é Uma Peça 2*, logo após a primeira discussão em torno da bissexualidade de Juliano, os dois irmãos saem da mesa e Hermínia, sozinha, reclama que ele está perdido: “‘Tá’ perdido, isso sim! Uma hora quer homem, outra hora quer mulher, cada hora quer uma coisa, confundindo a gente! Arrumar um emprego mesmo é que não quer! Vagabundo! ‘Tô fora!”. Hermínia, em uma cena em um programa de televisão que apresenta, recebe uma convidada para conversar sobre a pauta “Meu filho vive correndo atrás da empregada”. Contudo, a personagem muda a pauta para “Meu filho cismou que é bissexual e minha filha inventou que é atriz”. Após o programa, Hermínia comenta com uma funcionária do estúdio que suas crianças estão todas perdidas.

Em outro momento, Hermínia comenta com sua tia que Juliano está perdido pois “cismou que é bi”. Sua tia exclama “liiiiih!” e as duas comentam sobre o pai intervir. Em mais uma cena, na qual Juliano é reprimido por estar com uma mulher, o rapaz sai do ambiente reclamando e chorando. Neste momento, se inicia uma trilha cômica e Hermínia diz que ele está “todo confuso”. Em uma das cenas finais, Hermínia está em um avião e diz ao homem ao seu lado (que é o marido de Paulo Gustavo, Thales Bretas, interpretando a si mesmo), que adoraria ver seu filho com um rapaz como ele, mas que ele “cismou que quer ser hétero agora”. Ela conclui dizendo que se Juliano o vir, ela acredita que ele “volta atrás na hora”.

Em texto do portal G1 em parceria com o Cinaweb, com o título: “‘Minha mãe é uma peça 2’ limita-se a repetir a fórmula do primeiro filme”, de autoria de Alysson Oliveira, lemos que Hermínia tenta pautar em seu programa os “problemas” dos filhos. No caso de Juliano, o fato que se assumiu gay mas “agora tem dúvidas sobre sua sexualidade e

cogita ser bissexual”. O texto também cita os problemas de sua irmã Marcelina (Mariana Xavier), que “está sem rumo na vida e não para de comer”. Já o texto do blog Cinéfilos, por Jornalismo Júnior, com o título “Risos e papos sérios em ‘Minha Mãe É Uma Peça 2’” declara que “[...] as piadas com a sexualidade de Juliano são um tanto quanto problemáticas”. A crítica aponta que Hermínia possui dificuldade de aceitação do relacionamento de Juliano com mulheres, não compreendendo a bissexualidade em si e “tratando a como indecisão.”

Em referência a esse grupo de cenas e narrativas, podemos classificá-lo relacionando-o ao significado social da bissexualidade que denominamos “confusão temporária”, em referência ao estereótipo trabalhado por Eisner (2013), que consiste na crença e propagação da bissexualidade como indecisão e fase. As reações das pessoas ao redor de Juliano demonstram uma incredulidade em sua autodefinição e em suas práticas, ou seja, sua identificação é equivocada e condescendentemente é necessário alertá-lo deste problema.

Antes dos primeiros quinze minutos do filme, Juliano afirma ser bissexual e não demonstra confusão nas cenas seguintes, ainda que bem-vinda e legítima como parte da experiência bissexual ou de qualquer outra experiência sexual. A confusão, afirmada com frequência, aparece nas palavras de Hermínia e se firma narrativamente como a principal questão de Juliano no filme, uma vez que sua perspectiva sobre si mesmo não pode ser comparada ao número de declarações sobre a visão de sua mãe sobre seu filho.

Assim, sendo a personagem principal a controladora da narrativa e da vida dos filhos, Juliano aparece, através de sua mãe, confuso com sua bissexualidade declarada. Hermínia, central e ainda interpretada pelo autor de sua própria história, torna-se elemento, mesmo interno à narrativa, que compartilha dos domínios de poder dos discursos daquele universo, delimitando em sua visão de mundo uma representação privilegiada (Hall, 2013) do filme em relação aos seus acontecimentos e personagens.

No terceiro e último filme da franquia, Juliano não menciona sua bissexualidade ou tece qualquer comentário sobre se atrair ou se relacionar com outros gêneros. Não há resolução de todo o embate cômico das oito cenas do segundo filme. Não apresentar tais comentários no terceiro filme e ignorar a bissexualidade de Juliano que surge no segundo filme não é uma “não mensagem”, não é um apagamento sem significado. Esse apagamento carrega em si o significado

da confirmação da confusão superada de Juliano, da fase engraçada e perdida pela qual ele passou e que, enfim, se encerra com um retorno ao namorado do primeiro filme e a celebração de um casamento (ainda que indigno da afronta de um beijo).

Em outra cena, Dona Hermínia declara que seu filho, por se declarar bissexual, “não tem modos, não tem nada! Não tem limite!”. Em outra cena, Juliano está com sua mãe em uma boate, observando Marcelina que beija um rapaz que Hermínia havia apresentado a ela. Juliano reclama que sua mãe não o apresenta a ninguém ali, ao que ela responde: “Ué, Juliano, você cada hora fala que quer uma coisa. Vou sair gritando na boate quem é bi?”. Aqui relacionamos à representação da bissexualidade ao significado social de uma sexualidade moralmente perigosa, explicado por Eisner (2013) como uma promiscuidade, infidelidade e necessidade de se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo como característica colada à bissexualidade.

Então, para além da compreensão incorreta de que pessoas bissexuais se relacionam somente entre si ou que em cada momento da vida podem escolher somente um gênero para seus relacionamentos, Hermínia também relaciona a sexualidade de Juliano a um excesso, a uma sexualidade sem modos, segundo seu compasso moral. Não está errada em identificar a bissexualidade ou a atração para além de um gênero como uma expressão que atravessa os limites do permitido na expressão da sexualidade humana, porém, para Hermínia e o sentido hegemônico social (Eisner, 2013), a ultrapassagem desses limites é perigosa e é necessária sua contenção. No filme, Hermínia declara estar incomodada com o fato de que estava acostumada à homossexualidade de seu filho, algo que enxerga como uma superação ou hercúlea jornada, e que agora não tem disposição para começar mais uma. O que esse e outros diálogos representam, contudo, é que sua principal preocupação é com a perda de Juliano com uma sexualidade que, descontrolada em sua natureza, desequilibrará a vida de seu filho por completo.

Em mais uma cena de *Minha Mãe é Uma Peça 2*, Juliano chega em casa com uma mulher. Eles se beijam intensamente na cozinha, derrubam objetos e Dona Hermínia acorda e os reprime de imediato. Em declaração transfóbica e segurando uma colher de pau, Hermínia o questiona sobre a mulher: “O que é isso? É homem?”, ao que Juliano responde ser uma mulher e que ele a contratou. Sua mãe diz que certamente ele a contratou porque uma mulher não se relacionaria

com ele. Hermínia afirma que ele é gay. Juliano reprime a fala da mãe: “Mãe! Shiu!”, e a mulher responde “Ihh, sabia!”. Hermínia pede à mulher para falar a verdade a Juliano – que ele é gay, ao que ela responde que não é paga para falar verdade. Então, ela diz que é mentira, que “eles gostam” sim.

O portal Divirta-se Mais explica que Hermínia “[...] surta com a alegada bissexualidade do filho”. A construção “alegada bissexualidade” indica uma possível falsidade da bissexualidade de Juliano, ainda que de forma sutil. Na cena do filme, Juliano tem sua experiência com aquela mulher vista como absurda, deslocada e ilógica, mesmo tendo se declarado bissexual anteriormente. Sua mãe não legitima sua fala e, menos ainda, suas atitudes, impondo ao filho o que ela crê ser a realidade. Hermínia grita a verdade da sexualidade de Juliano para ele e, como seu filho não a escuta, convida a mulher com a qual ele estava se relacionando na cena para contar-lhe a verdade, junto a ela.

É preciso comunicar a Juliano sua confusão, seu desvio de uma narrativa que sua mãe aceitava, como se dois “desvios” com os quais ela tem que lidar, em sequência, não fossem permitidos em sua casa. Parece ser fundamental que Juliano seja gay, já que Hermínia parece não poder ter dois trabalhos de aceitação seguidos um do outro, seu esforço não pode ser em vão e Juliano não pode surpreendê-la tanto assim, pois ela já se encontra exaurida. Juliano não insiste na defesa de sua sexualidade nesta cena, nem é convidado à fala.

Na narrativa do filme, esta cena parece representar uma confirmação suficiente da confusão de Juliano, seu silêncio e constrangimento se apresentam como provas de que Hermínia está correta e ele está sim, perdido e confuso. Acreditamos ser insuficiente o silêncio como resolução de um debate delicado como esse, pois, sendo a confusão legítima e também parte da experiência bissexual – não parece haver vantagens na negação completa desse estereótipo (Eisner, 2013) –, o silêncio de Juliano, possível confirmador de uma confusão, não suscita a ideia de uma confusão legítima e comum entre sexualidades também legítimas, mas sim como uma confirmação da regra da ilegitimidade e inexistência da bissexualidade. Ali, é forte o significado de falsidade que a bissexualidade representa.

Identificamos a prática dos estereótipos abordados por Eisner (2000) de que a pessoa bissexual é verdadeiramente homo ou heterossexual ou pode escolher entre um e outro. Assim, a bissexualidade surge como uma fase transitória, fora de hora e lugar, inconveniente



e não são apresentados legitimações e acolhimentos da possibilidade de existência de instabilidade e fluidez na sexualidade.

Seguindo com as cenas de *Minha Mãe é Uma Peça 2*, trazemos novamente a exposição da sexualidade de Juliano feita por sua irmã Marcelina e que, em seguida, ele se declara bissexual. Marcelina diz que tem uma novidade de Juliano, que pede para que ela não fale nada. Marcelina diz que ele “mudou de time”, “passou para o outro lado” e “agora é hétero”. Juliano abaixa a cabeça, solta as mãos sobre a mesa e suspira “meu deus”. Hermínia pergunta “que história é essa de hétero”, se isso é “coisa do pai dele” (como influência) e “desde quando ele é hétero”. Juliano responde que seu pai não tem nada com isso, aumenta o tom e diz que não é hétero. Em outro momento, Hermínia também diz ao filho para “não inventar esse negócio de hétero”, que ela “dá na sua cara”.

Com uma trilha sonora cômica, Juliano aparece em um restaurante com seu pai e sua mãe. Hermínia pergunta se o pai acha certo Juliano levar mulher para dentro de casa, ao que ele retorna a pergunta, dizendo se ela gostaria que ele levasse homem para a casa. Hermínia responde positivamente pois já está acostumada a isso e agora precisa se habituar a uma nova realidade. O pai de Juliano diz que é um exagero dela e pede que ela o deixe experimentar, pois “vai que ele gosta”. Hermínia responde que isso não tem futuro. Em meio ao diálogo, Juliano não diz nada e somente demonstra desconforto. A conversa muda de assunto e adota um tom dramático (uma trilha dramática se inicia) quando o pai de Juliano anuncia que o filho irá morar em São Paulo, onde a irmã foi morar recentemente, deixando a mãe sozinha. O assunto da bissexualidade não retorna.

Nas críticas ao filme, encontramos algumas versões diferentes na referência à bissexualidade de Juliano. Em algumas sinopses, como no site *Papo de Cinema*, a construção a seguinte: “Para piorar ainda mais, Marcelina decide ser atriz e Juliano assume ser bissexual.” Aqui, após listar os novos problemas de Hermínia, incluem a nova carreira de Marcelina e a bissexualidade de Juliano como mais dois deles. O site *Cinamatecando* faz construção semelhante. Dizem que Hermínia quer cuidar de seus filhos, “[...] que só lhe dão trabalho: Marcelina (Mariana Xavier), que decide ser atriz, e Juliano (Rodrigo Pandolfo), que se descobre bissexual. A partir dessas informações, sua vida vira de cabeça para baixo [...]”. Já o *Jornal Metro* escreve que “[...] a protagonista fica ainda mais preocupada com os problemas dos filhos

Marcelina (Mariana Xavier), que decide ser atriz, e Juliano (Rodrigo Pandolfo), que se descobre bissexual.”

Em outras sinopses, porém, a bissexualidade de Juliano é tratada como problema, mas também como uma escolha, como nos portais Gazeta Online e Contigo, por exemplo, e no site Observatório do Cinema, em que o trecho é o seguinte: “Dona Hermínia (Paulo Gustavo) continua hilária, irreverente e muito preocupada com os problemas da família: Marcelina (Mariana Xavier) decide ser atriz e Juliano (Rodrigo Pandolfo) bissexual”. E completam a lista de problemas com outras tramas do enredo. Em geral, as sinopses ora dizem que Juliano decide ser bissexual, em sua escrita literal, ora optam pela supressão de qualquer outro verbo na mesma frase, o que sugere que assim como Marcelina decide ser atriz, Juliano decide ser bissexual. O portal Metrôpoles, por sua vez, descreve de mais uma maneira a questão: “O longa traz poucas inovações. Juliano, o filho mais velho, não é mais gay. Virou bissexual”.

A bissexualidade de Juliano, declarada com esses termos por ele, é considerada heterossexualidade por seus familiares. “Mudar de time” significa escolher outra coisa, o outro lado, e pode se referenciar às pessoas bissexuais em todas as vezes que se declararem como tal ou que se relacionarem com pessoas de gêneros diferentes do que se relacionou anteriormente. “Mudar de time”, contudo, ainda que faça referência à bissexualidade não significa bissexualidade, significa abandonar um lado do binário da orientação sexual (ou de gênero, em referência que também é feita às pessoas trans) e se deslocar para outro. Esperam de Juliano um comportamento novo em sua sexualidade, em sua linguagem, em seu modo de vida, pois esperam um abandono de sua expressão anterior para a chegada de outro Juliano que seus familiares não conhecem – o heterossexual, com todas as formas de expressão normativas da heterossexualidade.

Consideramos que essas cenas compartilham o significado da bissexualidade que chamamos aqui de possibilidades de escolha, em relação ao estereótipo trabalhado por Eisner (2013) que traduz a tentativa de enxergar as sexualidades como imutáveis e constituídas ao nascimento, como uma estratégia política frequente. Se não é uma escolha, devemos nos “conformar”, mas, no caso da bissexualidade, a escolha está marcadamente ligada a ela, visto que de algo inexistente e inconsistente, devemos sair o quanto antes, escolhendo uma dentre nossas possibilidades de atração. Juliano não se declara heterossexual

nem diz estar em dúvidas entre ser homo ou heterossexual. Existindo somente duas opções (ainda que levada em consideração para poder ocupar o lugar da abjeção, no caso da homossexualidade), é certo que Juliano está em transição para a heterossexualidade, por influência ou confusão, e que sua missão se tornará falha, visto que é verdadeiramente homossexual. Contudo, sua escolha desagradável pode ser facilmente retornada para a outra escolha, a anterior, como uma questão já superada, uma característica já tolerada pela sua família que não parece estar disposta ao esforço da aceitação novamente.

O contexto geral da representação da bissexualidade em Juliano expõe a prática do apagamento bissexual em suas mais diversas manifestações: percebemos o apagamento na esfera pública e cultural (Eisner, 2000) por uma representação conturbadamente presente no segundo filme, mas abandonada e descartada no terceiro. Também associamos dada representação à categoria do apagamento bissexual na esfera privada (Eisner, 2000), que dialoga com o apagamento individual conceituado por Yoshino (2000), pois o que dizem de Juliano sobrepõe o que ele diz de si mesmo. Essa prática funciona pela presunção constante de uma heterossexualidade ou na suspeita de uma homossexualidade, vindas de familiares e pessoas próximas.

Na representação proposta pelo filme *Minha Mãe É Uma Peça 2*, a personagem Dona Hermínia se irrita com a declaração de que seu filho Juliano seria agora bissexual, alegando que estava acostumada à sua homossexualidade. Identificamos, também, as práticas de apagamento categórico, individual e deslegitimação nos conceitos de Yoshino (2000). O apagamento é categórico uma vez que no universo do filme, a categoria bissexual não possui existência material para suas personagens. Por fim, a deslegitimação surge como prática de colagem de significados negativos à bissexualidade em si, rechaçada em absoluto nas cenas do filme.

Também percebemos o uso dos estereótipos na trama. Trabalhamos o estereótipo como algo diretamente relacionado a questões sociais e culturais. Hermínia aciona diversos estereótipos para combater a bissexualidade de seu filho e demonstrar seu incômodo. Esses usos dos estereótipos não consistem em sua problematização, apropriação ou subversão, como Eisner (2013) sugere como posturas estrategicamente melhores para uma articulação política da bissexualidade. Apegada e controladora em relação à sua família, a personagem parece somente enxergar Juliano como estrangeiro,

como caráter fundamental daquele que é estereotipado (Lippman, 1922; Dyer, 1999). Ou seja, a personagem, que se encontrava na familiarização da homossexualidade do filho, no caminho da aceitação completa de algo estrangeiro, se vê posicionada no início do caminho novamente com a declaração da bissexualidade de Juliano. Mais uma vez, Hermínia se depara com o outro, o distante, aquele que não compreende e conhece somente através dos estereótipos, que tanto os replica em sua defesa, na tentativa de manutenção da sua família como já conhece.

Também identificamos o debate da luta por reconhecimento da bissexualidade como ausente dentro e fora da tela. Embora reconheçamos dinâmicas do reconhecimento, através de sua ausência, dentro da narrativa de *Minha Mãe é Uma Peça 2*, não encontramos presença relevante do debate da luta por reconhecimento da bissexualidade nos textos críticos ao filme. Encontramos, por sua vez, um debate do terceiro filme, com cobranças de uma representação mais adequada de Juliano e seu marido (namorado no primeiro filme e ausente no segundo), na perspectiva da luta por reconhecimento nos termos da homossexualidade.

A bissexualidade, por sua vez, não alcança sequer o lugar do debate, visto que os textos críticos em sua maioria não problematizam a representação da bissexualidade no segundo filme, mesmo com sua forte presença na trama e nem o autor cita a questão. Não há menção aos acontecimentos turbulentos do filme anterior e nem qualquer menção à bissexualidade no terceiro filme. Nos sentidos possíveis que a representação transmite em sua circulação, a ausência de problematizações da representação da bissexualidade nos filmes da franquia nos indica um sucesso da provável intenção representativa predileta (Hall, 2016) da bissexualidade proposta por Paulo Gustavo: a comicidade sem qualquer intuito ou preocupação de envolvimento com a luta por reconhecimento deste grupo. Já no que tange a homossexualidade, sua preocupação é declarada, mas tão insuficientemente politizada que não almeja desafiar, nem mesmo com tentativas de remédios afirmativos (Fraser, 2006), os incômodos de uma audiência conservadora que, em suas roupagens liberais, tolera uma cerimônia de casamento entre dois homens – mas jamais um beijo ou um desvio do tamanho da bissexualidade.

## Considerações finais

Consideramos que é possível propor representações da bissexualidade que não tenham o uso dos estereótipos e consigam construir representações mais complexas, no limite possível que suas estruturas permitem ficcionalizar, trazendo em si um pouco daquilo que se é ou se pode ser: fluidez, não-binariedade, confusão, liberdade, lugares outros e não-lugares. Margens a serem afastadas e alargadas. Mesmo assim, parece haver mais facilidade no uso simples e acrítico dos estereótipos, em uma ficcionalização o mais distante possível daquilo que o grupo das pessoas bissexuais exige e almeja, como em *Minha Mãe é Uma Peça 2*. O debate da representação é relevante porque constitui quem somos e como nos relacionamos com o mundo. Assim, a exigência por representações consideradas mais adequadas não precisa ter uma dimensão única e não precisa ser um objetivo único ao pensarmos em comunicação e bissexualidade. Se a comunicação é um problema sensível a este grupo, como vimos sobretudo pelo seu apagamento sistemático, pensamos que a comunicação pode significar, além de crítica e exigências, contraposições, apropriações, modificações dos significados culturais da bissexualidade para além daqueles propostos por aqueles que produzem e distribuem com mais frequência. A representação, com seus estereótipos e significados sociais podem ser o ponto de partida de uma reflexão que, a partir da comunicação, faz entender a posição da bissexualidade na sociedade, compreendendo-a de forma crítica e tentando estratégias para sua transformação.

## Referências

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. “**Minha mãe é uma peça 3**” já é o filme brasileiro com a maior bilheteria da série histórica. 2020. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/minha-m-e-uma-pe-3-j-o-filme-brasileiro-com-maior-bilheteria-da-serie-hist>. Acesso em: 25 mai. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª Edição de 2016. São Paulo: Edições, 70, 2016.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CINEWEB. Crítica: **Minha mãe é uma peça 2**. 12 dez 2016. Disponível em: [http://cineweb.com.br/filmes/filme.php?id\\_filme=5584](http://cineweb.com.br/filmes/filme.php?id_filme=5584) Acesso em: 23 mai. 2020.

DAEHN, Ricardo. Paulo Gustavo estreia com 'Minha mãe é uma peça 2'. **Divirta-se mais**. 23 dez 2016. Disponível em: [http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/cinema/2016/12/23/noticia\\_cinema,158046/paulo-gustavo-estrela-com-minha-mae-e-uma-peca-2.shtml](http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/cinema/2016/12/23/noticia_cinema,158046/paulo-gustavo-estrela-com-minha-mae-e-uma-peca-2.shtml). Acesso em: 25 mai. 2020.

DYER, R. The Role of Stereotypes. In MARRIS, P.; THORNHAM, S. **Media Studies**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DEMEROV, Barbara. Crítica: Minha Mãe é uma Peça 2. Cinematecando. 13 dez. 2016. Disponível em: <http://cinematecando.com.br/critica-minha-mae-e-uma-peca-2/> Acesso em: 25 mai. 2020.

EISNER, Shiri. **Bi**: notes for a bisexual revolution. Califórnia: Seal Press, 2013.

FRASER, N. **Da redistribuição ao reconhecimento?** Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, 2006, p. 231-239.

FRASER, N.; HONNETH, A. **Redistribution or recognition**. New York: Verso, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. Parte 3. In: **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 1993. **MINHA mãe é uma peça 2**. Direção de César Rodrigues. Brasil: Migdal Filme, 2016. DVD (88 min.).

SAFATLE, V. **Por um conceito “antipredicativo” de reconhecimento.** São Paulo: Lua Nova, 2015, n. 94, p. 79-116.

SERELLE, Marcio; SENA, Ercio. **Crítica e reconhecimento:** lutas identitárias na cultura midiática. In: Encontro Anual da Compós, 27., 2018, Belo Horizonte, MG. SILVERSTONE, R. ***Complicity and Collusion in the mediation of everyday life.*** New Literary History, 2002, 33. p. 761-780.

YOSHINO, K. ***Epistemic contract of bisexual erasure.*** Stanford: Stanford Law School, 2000.